

Fragmentos VII



Por **AIRTON PASCHOA***

Sete peças curtas

Brasil do choro

(cobra na escada)

Com todo o *duvidoso*, quem não queria de volta, *angá-catu-rama!* o país do choro? Tocado de *saudade*, o choro prometia, e promessa é dívida, impagável porque *radiante* esperança. Impossível de saldá-la, a flauta convidava a flautear, e não podia haver então presente igual, só *sonhando*. O que promete hoje o *tenebroso* Brasil do choro? Mais e mais lágrima, cumprindo à risca a letra. Choremos, pois, e pau no literal — *quebra, quebra, minha gente!*

(E não seja *quebradinha*, não!)

Pandemia

Quando todo dia é domingo e não é a Suíça; quando ninguém liga se o mês tem ou não feriado; quando se aguarda nova de necrológio; quando o temor vira tumor; quando *home office* se confunde com homem *office*; quando recebe de paga inda mais violência a de mor valia; quando o silêncio amplifica o borborismo da digestão injusta; quando se vê o sol nascer querido e quadrado; quando a quarentena despenha em setentena oitentena noventena novela sem fim e a história não prende.

Negacionismo

Sacristão, sacripanta, basta uma bactéria, um vírus, quem não vê? pra te mandar pra cova ou pro vácuo com o esforço dum — espirro. Vida frágil! ai, meu estáquio, tem quem engula a velha platitude? Frágil fica a vida em corpo social que se lixa pra ela. Pra ele vitais mesmo são esses serezinhos microscopiquinhos que tanto fazem prosperar a sepse do lucro, este, sim, visibilíssimo a olho nu! Como se sente na pele, desfiguradamente, e abaixo dela, a Medicina, a reboque de grandes laboratórios e altas tecnologias, não passa no fundo de formidando negócio. Poderia ser de outro modo? Poder, poderia, desde que mandássemos pros quintos dos infernos este *corpus morbus* e cuidando à uma de trazer ao mundo novo corpo, de fato, social.

Importante — não conforme diagnosticam em americanês os doutores em tradução colonoscopiada, importante, com efeito, é testar se, de tão antiga e generalizada infecção, inda resta reação aos infectados.

Antropoceno

Cozendo que nem ovo, rachando, despregando placas e pragas, ovo azul, visto do espaço, azul-roxo, revisto do espaço nasista, roxo-sem-ar, azul-sem-vida, sobrevivem os aleluiados eleitos, magnatas enterrados em confortáveis catacumbas hi-

a terra é redonda

techsanas. Voltando à caverna, a humanidade, feliz e finalmente, não conhece mais disputa por lugar ao sol, ou à sombra. Pode não ser o sonhado happy end, reconheço, mas é o end da happyna. Abotinados, gozam o direito de butim. A Terra lhes seja pesadelo!

Travessia

(jubilai-vos)

O enjoado mar, ó semoventes da terra, vos abre os braços e o que podeis fazer a respeito, e em respeito, é fila. Figa é vã.

[depoimento]

Faço saber, a quem interessar possa prova, que a gente veio largando mão de escrever e passando a depor. E faz tempo, desde, desde, só pra registrar uma data, mesmo que falsa, pode botar meio século, pouco mais, pouco menos. Nos últimos 50 anos, então, barrabás! o gênero parece que bombou. Andaram dedurando que nossa longa marcha arrasta um rastilho interminável de corpos... Contravenções, delitos, ilícitos, tudo nonada. Delatam crimes, crimes e mais crimes, crimes em série, infinita, crimes com requintes de Humanidade! Que fazer? A gente depõe e o Mercado dispõe.

Assim assado

O trópico desfibra, desmiola, desmente, descasca. Eis por que remedo sem parar o dragão-de-kômodo, drigo, droga, komodo. Parado, não me mexo de jeito maneira — nem cutucado de vara curta, nem de sede comprida. Fontes, ilhas, mares, cataratas, que mal enxergo da enxerga, fantasio.

Não é bem assim. Mas é sempre assado.

***Airton Paschoa** é escritor, autor, entre outros livros, de *A vida dos pinguins* (Nankin, 2014)